

## A virtude da “mulher adúltera”: Ibn Gabirol e a dignidade da matéria

The virtue of the “adulterous woman”:  
Ibn Gabirol on the dignity of matter

*Cecilia Cintra Cavaleiro de Macedo<sup>1</sup>*

---

**Resumo:** Podemos dizer que a predominância da forma sobre a matéria - ontologicamente, em hierarquia e em dignidade - no pensamento medieval é quase unânime. Na maior parte das propostas medievais de compatibilização entre filosofia e religião, a matéria sensível foi vista como bastarda (já que sua origem raramente é explicitada), como fonte da imperfeição, da carência e da falha, e, por vezes, associada diretamente ao mal e ao pecado. A imagem da matéria como mulher pecadora de origem duvidosa está já presente em Ibn Sina e passa a Maimônides que, comparando-a à adúltera, afirma que, apesar de manter um vínculo marital com uma forma, não cessa de mover-se, buscando constantemente outra forma para substituí-la. Pelas particularidades de sua doutrina, Ibn Gabirol não teve problemas ao abordar essa questão, inclusive quanto a indicar a origem da matéria - tema evitado pela maioria dos filósofos - mas não sem despertar fortes críticas de seus leitores contemporâneos e ao longo especificamente em relação à matéria, levantamos aqui as seguintes: 1) matéria não é corpo; 2) a matéria inteligível não é essencialmente distinta da matéria sensível; 3) a matéria não é a fonte da diversidade e da multiplicidade; 4) a matéria provém diretamente da Essência de Deus. Portanto, ainda que Ibn Gabirol mantenha as qualidades que, por outros filósofos, foram entendidas como sendo o caráter volúvel dessa mulher - ou seja, o fato de que ela está sempre apta a receber muitas formas - nada há que desabone sua conduta.

Palavras-chave: Ibn Gabirol, matéria, unidade, multiplicidade, continuidade.

**Abstract:** We could say that the predominance of form over matter - ontologically, hierarchically and in dignity - is almost unanimous in medieval thought. Most of the medieval proposals of combining philosophy and religion present matter as bastard (since its origin is rarely clarified), as the source of imperfection, deprivation and failure, and sometimes it was directly related to evil and sin. The image of matter as a sinful woman was used by Ibn Sina and it was taken over by Maimonides, that compared it to the adulterous woman who, despite being married with a form, is constantly moving, looking for another form to replace the first one. For the particularities of his doctrine, Ibn Gabirol never had problems when discussing this issue, including the origin of matter - theme that is avoided by most philosophers - but not without being strongly criticised by contemporary readers and throughout history, who accused him of contradiction. By particularities of his doctrine I mean: 1) matter is not body; 2) intelligible matter is not essentially different from sensible matter; 3) matter is not the source of diversity and multiplicity; 4) matter comes directly from God's essence. So, even if Ibn Gabirol kept the qualities that were understood by other philosophers as the volatile nature of this woman - or the fact that she is always able of receiving many forms - there is nothing that discredit her character.

Keywords: Ibn Gabirol, matter, unity, multiplicity, continuity.

---

<sup>1</sup>Professora adjunto de Filosofia Medieval Judaica na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) <ceciliacmavaleiro@gmail.com>

## **Introdução**

Podemos dizer que a predominância da forma sobre a matéria - ontologicamente, em hierarquia e em dignidade - no pensamento medieval é quase unânime. A recepção medieval da filosofia grega e a atribuição arbitrária de obras neoplatônicas a Aristóteles fez com que o período se caracterizasse por um aristotelismo neoplatonizado, já que era imperativo conciliar textos dessas fontes diversas. Assim, as formas aristotélicas foram entendidas como equivalentes às ideias platônicas, que, em seu mundo de origem são puramente inteligíveis. Como consequência, já que eram concebidas como desprovidas de corpo, o entendimento mais comum foi que seriam também desprovidas de matéria. Nesse sentido, a matéria, na maior parte das vezes, foi entendida unicamente como matéria sensível (*Hyle*) e, desse modo, as afirmações anteriores seriam equivalentes. A primeira questão se apresenta aqui: matéria e corpo não são nem de longe sinônimos para Ibn Gabirol.

Na maior parte das propostas medievais de compatibilização entre filosofia e religião, a matéria sensível foi vista como bastarda (já que sua origem raramente é explicitada), fonte da imperfeição, da carência e da falha, e, por vezes, associada diretamente ao mal e ao pecado. A imagem da matéria como mulher pecadora e de origem duvidosa já está presente em Ibn Sina<sup>2</sup> e passa a Maimônides que, comparando-a à mulher adúltera<sup>3</sup>, afirma que esta infiel, apesar de manter um vínculo marital com uma forma, não cessa de mover-se, buscando constantemente outra forma para substituí-la. Alguns autores chegaram a aceitar a existência de uma matéria inteligível, mas, esta foi meramente indicada, ou entendida como absolutamente outra em relação à matéria sensível, de origem diversa e contraposta a ela. Na esteira do próprio Aristóteles, os medievais não souberam como encaixá-la na prática na ontologia proposta, uma vez que o Filósofo parecia contrapor matéria e inteligibilidade.

---

<sup>2</sup> "Matter is like a low-born and blameworthy woman who tries to prevent her ugliness from becoming known..." IBN SINA. "Risāla fī l-'ishq" *In*, "A Treatise on Love by Ibn Sina". Transl. Emil L. Fackenheim (1945), p. 215.

<sup>3</sup> "Salomão (a paz esteja com ele!) com sua sabedoria expressou maravilhosamente ao comparar a matéria com uma casada adúltera (cf. Prov. 6,26) porque não podendo existir absolutamente a matéria sem forma, é como a casada, jamais isenta do vínculo marital e nunca livre. (MAIMONIDES, 2008, III, 8).

Para Ibn Gabirol, tudo o que há, tanto nos sensíveis quanto nos inteligíveis, é denominado substância e é composto por matéria e forma<sup>4</sup>. Pelas particularidades de sua doutrina, Ibn Gabirol não teve problemas ao abordar essa questão, inclusive quanto a indicar a origem da matéria – tema evitado pela maioria dos filósofos – mas não sem despertar fortes críticas de seus leitores, tanto contemporâneos quanto ao longo da história, que o acusaram sistematicamente de incorrer em contradições. Dentre as particularidades de sua doutrina, especificamente em relação à matéria, levantamos aqui as seguintes: 1) matéria não é corpo; 2) a matéria inteligível não é essencialmente distinta da matéria sensível; 3) a matéria não é a fonte da diversidade e da multiplicidade; 4) a matéria provém diretamente da Essência de Deus.

### **1) Matéria não é corpo:**

Apesar de a teoria gabiroliana ter sido concebida sob uma perspectiva nitidamente neoplatônica, na qual tudo provém de um Uno absoluto e se constitui em níveis crescentes de diversidade e multiplicidade em um fluxo de processões, Ibn Gabirol constrói sua argumentação no *Fons Vitae* a partir de uma estrutura que provém do ensinamento aristotélico acerca da teoria do conhecimento. Acima e além de tudo há Deus/Essência Primeira que cria a matéria e a forma que darão origem aos seres, através de uma propriedade sua denominada Vontade. Defende a existência de uma matéria universal que seria uma por toda a criação e sustentáculo universal de todos os seres, tanto dos sensíveis como dos inteligíveis. De modo extremamente abreviado, podemos dizer que seu modelo é construído como uma sequência contínua na qual a diversidade é advinda a partir do recebimento de sucessivas formas provenientes também de uma forma universal primeira. A matéria primeira e a forma primeira, ao se unirem, constituem o primeiro ser: a Inteligência; à qual se seguem a alma com seus três níveis e a natureza. Estas são denominadas por ele substâncias simples. A estas substâncias simples, segue-se uma intermediária denominada substância que sustenta a corporeidade do

---

<sup>4</sup> Lê-se em Aristóteles que “a substância se entende segundo dois significados (a) o que é substrato último, o qual não é predicado de outra coisa e (b) aquilo que, sendo algo determinado, pode também ser separável, como a estrutura e a forma de cada coisa” (ARISTÓTELES, *Metafísica*, Δ, 8, 1017 b 25).

mundo e, por fim, chega-se à substância sensível que sustenta as categorias.

A ordem do conhecimento é conhecer aquilo que há de mais manifesto e próximo e ascender em direção ao mais oculto e distante, portanto, do mais sensível e corpóreo, evidente por si, para o mais inteligível e simples. Desse modo, iniciará sua explanação pela substância que sustenta as categorias (ou predicamentos, como é traduzido ao latim), particular, corpórea e sensível, que é composta pelos quatro elementos. Será exatamente no primeiro livro que definirá o que é corpo, quais as coisas que assim podem ser consideradas, e como, embora todo corpo tenha uma matéria, o significado de matéria não coincide com o de corpo.

Para Ibn Gabirol, corpo é tudo aquilo que tem uma matéria-substrato que sustenta uma forma-propriedade que é a quantidade (IBN GABIROL, *Fons Vitae*, I, 15). A partir disso, a matéria corpórea pode ser entendida como dividida em quatro: “matéria particular artificial, matéria particular natural, matéria universal natural, que recebe a geração, e matéria celeste. Por outro lado, cada uma destas matérias tem sua forma sustentada nela<sup>5</sup>”. Com isso ele se refere aos particulares artificiais e naturais, bem como aos quatro elementos, que configuram o que ele denomina matéria universal natural, por serem universais para todos os sensíveis, e também à matéria do céu que, para ele, consiste em corpo tanto quanto os particulares dos demais sensíveis, embora não compartilhe de todas as características dos elementos.

Curiosamente, embora Ibn Gabirol não fuja de temas considerados espinhosos por outros autores, como a origem mesma da matéria, ele foge de discorrer diretamente sobre a composição da matéria celeste. Quando o discípulo indaga sobre a incidência de geração e corrupção nos corpos celestes, e sobre como pode ser considerado corpo como os demais corpos, o mestre não se alonga. Aceita que não seja um corpo exatamente igual aos demais corpos, mas adverte para que o discípulo não se atenha muito a esta discussão, já que “não é possível negar que o céu seja corpo, porque as propriedades e as diferenças de corpo são nele manifestas<sup>6</sup>”. Na

---

<sup>5</sup> “Materia particularis artificialis, materia particularis naturalis, materia universalis naturalis recipiens generationem, materia caelestis; e contrario in unaquaque harum materiarum sua forma sustentata in ea”. (IBN GABIROL, *Fons Vitae*, I, 17, p. 21)

<sup>6</sup> “Contradicere caelum non est corpus non est possibile, quia proprietates et differentia corporis manifestae sunt in illo” (IBN GABIROL, *Fons Vitae*, I, 17, p. 21).

verdade, a especificação das diferenças entre os corpos sublunares e supralunares não é um ponto que se apresente como de grande importância para o filósofo, posto que entende a divisão fundamental de tudo o que existe entre sensível e inteligível e, mais, que deseja demonstrar, acima de tudo, a unidade e continuidade da matéria mesmo na passagem entre os seus diversos níveis. Para tanto, encerra o tratado primeiro da seguinte maneira:

Posto que é certo para ti, por nossa argumentação neste primeiro tratado, que nos sensíveis não há senão matéria, isto é, corpo universal, e forma, que é tudo o que é sustentado neste corpo; consideremos, então, no segundo tratado, o que é que se segue ao corpo sensível, isto é, a substância que sustenta a quantidade, e ela é a que primeiro consideraremos sobre as substâncias inteligíveis<sup>7</sup>.

A partir disso, fica evidente que, embora o corpo seja matéria para os sensíveis, matéria não se resume a corpo. Além disso, substância não é somente sensível, mas a cadeia segue de modo contínuo com as substâncias inteligíveis.

## **2) A matéria inteligível não é essencialmente distinta da matéria sensível;**

A explanação de tudo o que existe constante do *Fons Vitae*, prossegue nos demais quatro tratados, em ordem ascendente. Para Ibn Gabirol, tudo o que existe são substâncias igualmente compostas de matéria e forma, sejam elas sensíveis ou inteligíveis. Além das substâncias corpóreas que, como já vimos, não se resumem apenas os particulares, mas também as substâncias universais das quais os particulares sensíveis são compostos (os quatro elementos e a matéria celeste), assim, esta composição também prossegue nas substâncias inteligíveis. Toda a sequência do ser é formada por camadas sucessivas de matéria e forma, onde aquilo que é matéria para o inferior será forma para o nível que lhe

---

<sup>7</sup> “Postquam certum est tibi in hoc primo tractatu per hanc disputationem quod in sensibilibus non est nisi materia, id est, corpus universale, et nisi forma, quae est omnia scilicet quae sustententur in hoc corpore: ergo consideremus in hoc secundum tractatu quid est quod sequitur post hoc corpus sensibile, scilicet substantia quae sustinet quantitatem; et hoc est primum quod considerabimus de substantiis intelligibilibus”. (IBN GABIROL, *Fons Vitae*, I, 17, p. 22)

é superior. Assim, se o corpo é matéria para a substância sensível, será forma para o nível seguinte, no qual necessitará, por sua vez, de um substrato. Esse substrato será forma para outro nível ainda superior – por exemplo, para a alma, estruturada em seus três níveis – até chegar à Inteligência, entendida por ele como o primeiro ser criado pela reunião da matéria e da forma primeiras.

Como a alma é necessariamente uma substância simples e espiritual (ou seja, desprovida de corpo) e, mais ainda o é a inteligência e, conforme o ensinamento aristotélico entre dois dessemelhantes deve haver necessariamente um intermediário que mantenha alguma semelhança com os dois extremos que conecta, há necessidade aqui de uma substância intermediária entre o corpo e os seres absolutamente espirituais. O segundo tratado do *Fons Vitae* se dedica a este tema e, a nosso ver, esta é uma das partes mais importantes para a compreensão da doutrina gabrioliana. Sem que essa passagem do sensível ao inteligível seja compreendida, não há como entender a proposta geral do autor. Portanto, partindo do que já temos estabelecido, quer dizer, de que tudo é composto por matéria e forma; que matéria não significa corpo; que toda forma necessita de um substrato que a sustente e que, entre dois dessemelhantes há necessidade de um intermediário, o autor começa a explicar essa substância que realiza a mediação, denominada por ele de “substância que sustenta a corporeidade do mundo”.

Posto que o mundo é uma essência corpórea, assim como o corpo é essência dotada de figura e cor, e totalmente formada pelas formas das quais antes falamos, é necessário, por isso, que o corpo seja a matéria das formas que nele se sustentam, a saber, que são a figura, as cores e os demais acidentes, e que estas sejam suas formas. De modo semelhante, é necessário que aqui exista algo que seja matéria da corporeidade e algo para o qual a corporeidade seja forma. Logo, a relação da corporeidade com a matéria que a sustenta será como a relação entre a forma universal que designávamos, isto é, figura e cor, com a corporeidade que as sustenta. Deve, pois, haver aqui uma matéria não sensível que sustente a forma do corpo<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> “Postquam mundus est essentia corporalis, sicut corpus est essentia figurata et colorata et omnino formata suis formis de quibus locuti fuimus: necesse est per hoc quod corpus sit materia formarum quae sustentur in eo, quae scilicet sunt figura, colores et cetera accidentia, et haec sint ei formae. Similiter necesse est hic aliquid quod sit materia corporeitatis, et quod sit sibi corporeitas forma. Erit ergo consideratio corporeitatis ad materiam quae sustinet ipsam, qualis fuit consideratio formae

No segundo tratado do *Fons Vitae*, o mestre constrói um raciocínio a partir das indagações do discípulo, no qual sempre a matéria deve sustentar as formas, sucessivamente. Assim, estas supostas “partes” da matéria sensível das quais falamos anteriormente, não são propriamente partes, mas a matéria que sustenta as formas sensíveis é una. Conforme o discípulo resume seu aprendizado ao mestre:

**D.** – Segue-se que a matéria que sustenta todos os sensíveis, isto é, a quantidade e os demais acidentes que a acompanham, seja uma só matéria, substrato daqueles acidentes que existem por ela e nela e sobre ela e a ela são atribuídos, dela e para ela.

**M.** – Por que é necessário que a matéria seja una?

**D.** – Porque todo o sensível se reduz nela, porque os sensíveis são os acidentes e o intelecto os separa de sua substância e os reduz a ela<sup>9</sup>.

Para compreender a diferença entre as substâncias em geral, inclusive entre as inteligíveis, o mestre apresenta uma analogia que explica também a diferença entre a quantidade que se sustenta no corpo e o substrato que há por trás dela, através da cor e da figura:

Porque a quantidade é diversa da substância que a sustenta, em si e conforme a inteligência, ainda que estejam unidas no ser. O exemplo da união da quantidade com a substância é tal como o exemplo da união da cor e da figura com a quantidade. É separada da substância, em si e na inteligência, como cada uma das cores e das figuras é separada da quantidade, em si e no sentido, ainda que não seja assim no ser<sup>10</sup>.

---

universalis quam assignavimus, figurae scilicet et coloris, ad corporeitatem quae sustinet eam. Debet ergo hic esse materia non sensibilis, quae sustinet forma corporis”. (IBN GABIROL, *Fons Vitae*, II, 1).

<sup>9</sup> “**D.** Sequitur hoc quod materia quae sustinet omnia sensibilia, scilicet quantitatem et cetera quae sequuntur accidentia, sit una materia subiecta accidentibus illis quae sunt per illam et in illa et super illam et de illa et sua illius et ad illam. **M.** Unde fuit necesse quod haec materia sit una? **D.** Ideo quod omnia sensibilia resolvuntur in illam, quoniam sensibilia sunt accidentia, et intellectus separat illa a substantia et resolvit in illam”. (IBN GABIROL, *Fons Vitae*, II, 2, p. 27)

<sup>10</sup> “Quia quantitas a substantia quae sustinet illam diversa est in se et apud intelligentiam, etsi sin unita simul in esse. Exemplum autem adunationis quantitatis cum substantia tale est quale est exemplum unionis coloris et figurae cum quantitate; quamvis sit separata a substantia in se et in intelligentia, sicut separatio uniuscuiusque coloris et figurae a quantitate in se et in sensu, etsi non sit hoc in esse”. (IBN GABIROL, *Fons Vitae*, II, 5, p. 33)

Desse modo, ele explica que toda a cadeia do ser é um fluxo no qual a matéria é una e subsiste por trás das formas que a acometem. Essa mesma forma que acomete a matéria em um determinado nível, desempenhará o papel de matéria para uma nova ação da Vontade (ou uma nova forma), diversificando e multiplicando cada vez mais a matéria e dando origem a substâncias cada vez mais manifestas.

A continuidade decorrente da estrutura mesma, essencialmente dinâmica, da metafísica de Ibn Gabirol não admite seres ou mesmo gêneros estáticos com funções estanques. O processo de surgimento dos seres se dá, portanto, de maneira contínua sem rupturas ou diferenças essenciais entre o que poderíamos denominar mundo espiritual ou inteligível e mundo corpóreo. É uma cadeia contínua de manifestações de matérias e formas que interagem entre si de modo dialético, descendendo até dar origem ao ser mais inferior.

E, no caminho inverso, encontramos que a matéria mais grosseira que encontramos no mundo, que é a matéria corpórea, sensível que sustenta formas como a cor e a figura – as quais são o limite de toda geração, posto que a partir delas nada mais pode ser originado – é a chave para chegarmos ao que há de oculto, ou seja, a matéria inteligível. E esta última, por sua vez, é o caminho que nos conduz à matéria primeira:

De acordo com isso, a corporeidade do mundo, que é matéria manifesta que sustenta as formas que nela estão sustentadas, deve ser forma sustentada na matéria oculta da qual tratamos. E, segundo esta consideração, também esta matéria será forma para aquilo que a segue, até que cheguemos à matéria primeira que tudo contém<sup>11</sup>.

Assim, podemos notar aqui é que, mais do que uma produção escalonada de seres, Gabirol está nos falando de uma matéria contínua que recebe sucessivas formas. Esta, tendo adquirido a forma que lhe advém em cada nível, toma-a para si e será, no nível seguinte, uma nova matéria que receberá uma nova forma. O adensamento da matéria – una e a mesma desde o início da criação ou surgimento dos seres – ocorre através

---

<sup>11</sup> “et secundum hoc corporeitas mundi, quae est materia manifesta sustinens formam quae sustinetur in illa, debet esse forma sustentata in materia occulta de qua tractamus. Et secundum hanc considerationem erit haec materia forma ad id quod sequitur, donec veniemus ad materiam primam quae continet omnia” (IBN GABIROL, *Fons Vitae*, II, 1, p. 24).

da aquisição dessas sucessivas formas, tomadas para si e levadas consigo para o nível seguinte no qual tornarão a funcionar como matéria.

### **3) A matéria não é a fonte da diversidade e da multiplicidade;**

Este é outro ponto no qual Ibn Gabirol parece recair em contradição. Acostumados que estamos a atribuir à matéria a causa da diversidade e da multiplicidade, parece-nos bastante clara e ortodoxa a explicação que ele fornece acerca dos números, por exemplo, como na passagem abaixo:

1. Digo que o dois se coloca sob o um e o um está sobre ele. Da mesma maneira, a matéria está submetida à forma e a forma está sobre ela.

2. E também: a forma é una e o dois é multiplicidade divisível. Da mesma maneira, a matéria é multiplicável e divisível. Por isso a matéria é causa da multiplicidade das coisas e de sua divisão, e, portanto é semelhante ao dois.

3. E também: a propriedade da forma é una, isto é, de constituir a essência, enquanto que as propriedades da matéria são duas. Uma delas é sustentar a forma, e esta é oposta à propriedade da forma, pois é a partir da matéria que sustenta a forma e da forma que conduz a essência da matéria à perfeição, que se constitui a essência de todas as coisas e se configura sua natureza. Esta propriedade se encontra na matéria advinda do primeiro um, oposto ao um da forma, isto é, o primeiro um que é a metade do dois que comparamos à matéria. A segunda propriedade da matéria é a multiplicidade e a divisibilidade, isto é, que a forma se divide e se multiplica em virtude da matéria. A matéria obtém esta propriedade do segundo um, isto é, da metade do dois, unida ao primeiro um. E por sua conjunção com ele se fazem dois e por serem dois surge a multiplicidade e a divisão. E também porque em sua primeira divisão, a matéria se divide em duas partes segundo a natureza do dois, isto é, na matéria das substâncias simples e na matéria das substâncias compostas. Logo, a propriedade do dois também convém desta maneira. Agora já é, pois, claro para ti que a forma se assemelha ao um e a matéria ao dois<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> “(1) Dico ergo quod duo posita sun sub uno, et unum est supra ea; similiter materia subjecta est formae et forma est supra eam. (2) Et etiam, quia forma una est, et duo multitudo diuisibilis; materia est multiplicabilis et diuisibilis. Et propter hoc materia est causa multitudinid rerum et diuisionis earum, quia assimilata est duobus. (3) Et etiam, quia proprietates formae una est, id est constituere essentiam et proprietates materiae duae sunt. una earum est sustinere formam; et haec proprietates est

Por esta passagem, a olhos menos atentos, parece nítido que a forma seja superior e mais digna que a matéria e que a matéria seja a única causa da multiplicidade e da divisão, como o próprio autor parece indicar. Mas, ao observarmos outras passagens, verificaremos que ele expõe exatamente o oposto disso. Ibn Gabirol insiste que a matéria é uma e essencialmente a mesma por toda a criação, como a seguir: “a matéria em si não é mais do que uma e que a diversidade não provém senão da forma<sup>13</sup>”. Assim, notamos que ele se refere mais uma vez a uma matéria que é um substrato uno e contínuo que se encontra oculto por trás das formas, cada vez mais manifestas.

Apesar de haver diferenças em termos de densidade e de qualidade das formas que são impressas e, portanto, de capacidade de permitir a penetração da Luz que provém da Vontade, não há diferença essencial entre aquilo que podemos chamar, ainda que equivocadamente, de diversas partes da matéria; essa diferença provém exclusivamente da forma. Todas as formas são, em última instância, subsistentes na Inteligência porque esta não tem forma que lhe seja própria, dado que sua forma é a forma primeira universal. E, em sendo a Inteligência uma substância, estas formas devem estar sustentadas em uma matéria, que é a matéria primeira universal que tudo sustenta.

Posto que notei que aquilo que é matéria para a substância inferior, é forma para o superior, fez-se evidente para mim que todos os substratos, ainda que em algum sentido sejam matérias substratos, porque a substância mais sutil é substrato para a mais densa, e que todos são formas sustentadas na matéria primeira. E aprendi que é absolutamente necessário haver uma matéria que as sustente a todas, pois são finitas e

---

opposita proprietati formae, hoc est quia ex materia sustinente formam et ex forma perficiente essentiam materiae constituitur essentia omni rei et perficitur eius natura; et haec proprietates conuenit materiae ex uno primo, opposito contra unum formae, unum uidelicet primum, quod est medietas duorum quos assimilauimus materiae. et proprietates secunda materiae est multiplicitas et diuisibilitas; hoc est quia forma diuiditur et multiplicatur propter materiam; et hanc proprietatem habet materia ex uno secundo, scilicet medietate duorum, coniuncto uni primo; et ex eius coniunctione ad illud sunt duo, et propter esse duorum fit multitudo et diuisio. Et etiam, quia materia in prima diuisione diuiditur in duas partes secundum naturam duorum, scilicet in materiam substantiarum simplicium et in materiam substantiarum compositarum. Ergo proprietates duorum conuenit etiam hoc modo. – Ergo manifestum est tibi quod forma assimilatur uni et materia duobus”. (IBN GABIROL, *Fons Vitae*, IV, 11, p. 236-237).

<sup>13</sup> “non video materiam in se esse nisi unam, et non venit diversitas nisi ex forma” (IBN GABIROL, *Fons Vitae*, V, 30, p. 311).

estão sujeitas a um único limite; logo, fez-se necessário dizer que aqui há uma matéria primeira que a todas elas sustenta, e que esta é a matéria primeira universal, objeto de nossa investigação. Por isso, tornou-se evidente para mim que a diversidade que há entre as substâncias não provém da matéria, mas da forma, porque as formas são muitas, enquanto a matéria é uma<sup>14</sup>.

A forma primeira é procedente da Vontade que, conforme Gabirol, é a verdadeira “unidade primeira agente”. Por isso é chamada por ele de “unidade que a segue”, sendo, enquanto forma da inteligência, que é o primeiro ser propriamente dito, o princípio mesmo da unidade nos seres. Paradoxalmente, precisamente por ser o princípio da unidade, é também de delimitação, diferenciação e individualização, já que a diversidade e a multiplicidade procedem necessária e somente da unidade, desde o primeiro ser criado até os particulares corpóreos, tendo em vista que “[...] a forma da quantidade se resolve no ponto e na unidade<sup>15</sup>”. Assim, a Inteligência pode ser considerada agente de unidade porque sua forma é a forma primeira universal (unidade e substancialidade) que reúne em si todas as demais, e é ela quem transmite a forma da unidade aos demais níveis subsequentes, mas ela é já uma *unidade recomposta* entre matéria e forma. E, a partir disso teríamos a unidade matemática, o que a torna também o agente da multiplicidade.

As formas são muitas porque a forma primeira em si, como forma da unidade – ainda que por acidente – é a mãe da unidade matemática, que é divisível e multiplicável e, por consequência, mãe da própria quantidade. A unidade matemática enquanto matriz dos particulares inteligíveis e sensíveis, e, em outro nível, a quantidade, enquanto matriz do próprio espaço, seriam assim, as causas da divisão, da multiplicidade e mesmo da corporeidade, sendo também causa dos diferentes níveis de penetração da ação da Vontade. Portanto, fica claro que estas não

---

<sup>14</sup> “Postquam innotuit mihi quodhoc quod est ex substantiis materia inferiori, est forma superiori, patuit per hoc quod omnia subiecta, et si sunt materiae subiectae secundum aliquid, scilicet quod subtilius ex substantiis est subiectum spissiori ex illis, quod omnes sunt formae sustentatae in materia prima. Et didici quod omnino opus habent materia quae sustinet omnes, unde sunt finitae et pendentes ex uno fine. Ergo necessarium fuit tunc dicere quod hic est materia prima quae sustinet eas omnes, et ipsa est materia prima universalis de qua fuit nostra intentio. Et per hoc patuit mihi quod diversitas quae est inter substantias non accidit ex materia, sed ex forma, quia formae sunt multae, materia autem una”. (IBN GABIROL, *Fons Vitae*, IV, 9, p. 231).

<sup>15</sup> “forma quantitatis resoluitur in punctum et unitatem” (IBN GABIROL, *Fons Vitae*, II, 8, p. 39).

procedem, conforme notamos em outras teorias contemporâneas, de uma resistência intrínseca à matéria enquanto falha ou privação absoluta. A matéria é dita ser “*causa*” da multiplicidade, somente porquanto é *divisível* e *multiplicável*, mas ela é efetivamente *dividida* e *multiplicada* pela forma – que é o verdadeiro princípio de limitação e determinação.

#### **4) A matéria provém diretamente da Essência de Deus.**

Ibn Gabirol descreve a matéria como sendo “uma substância existente por si, que suporta a diversidade, e que é una em número<sup>16</sup>”. Em outra passagem, fala da matéria e da forma do seguinte modo: “A matéria sustenta e a forma é sustentada; a matéria é oculta e a forma manifesta; a matéria adquire a perfeição pela forma e a forma confere a perfeição à essência da matéria; a matéria é a delimitada e a forma é a delimitante; a matéria é separada (*discreta*) e a forma é aquilo que separa (*discernens*)<sup>17</sup>”.

A matéria em si mesma não tem ser em ato; este é recebido da forma. Mas isso não quer dizer, como já indicado, que ela seja privação absoluta, posto que se assim fosse seria não ser. Esta é uma discussão que consta do *Fons Vitae* através da questão formulada pelo discípulo da seguinte maneira: “Já ficou claro pelo dito anteriormente que a matéria não possui ser e a criação é aquisição de ser, de onde se deduz que a matéria não seja criada”. A isso Gabirol responde, pelas palavras do mestre:

Não houve matéria sem forma nem por um piscar de olhos, e por isso não pode não ser criada ou não possuir ser. Mas é criada simultaneamente à forma, porque não possui o ser senão pela forma, ou seja, foi criada com a criação da forma que nela se sustenta, sem espaço nem tempo<sup>18</sup>.

---

<sup>16</sup> “est substantia existens per se, sustentatrix diversitatis, una numero”. (IBN GABIROL, *Fons Vitae*, V, 22, p. 292). Trecho também presente nos extratos do perdido original árabe recolhidos por Moshe Ibn Ezra. Ver PINES, Shlomo. "Fragments of the Arabic Original of Fons Vitae in Moses Ibn Ezra's Work 'Arugat Habbosem". Tarbiz, 27 (1957/58), p. 227.

<sup>17</sup> “Materia est sustentatrix et forma sustentata; et etiam materia perficitur ex forma, et forma est perficiens essentiam materiae; et etiam materia est designata et forma designans; et etiam materia est discreta et forma discernens”. (IBN GABIROL, *Fons Vitae*, V, 23, p. 299)

<sup>18</sup> “Materia non fuit absque forma ictu oculi, ut ideo sit non creata et non habeat esse; sed est creata cum forma simul, quia non habuit esse nisi ex forma, id est quia fuit creata cum creatione formae sustentata in ea sine spatio temporis”. (IBN GABIROL, *Fons Vitae*, V, 42, p. 334).

Como vimos, o autor defende claramente que a matéria é criada, e, enquanto tal, surge simultaneamente à forma. Portanto, ela dispõe em si de algum tipo de ser. A matéria é pura possibilidade, e isso conduziu alguns leitores a equipararem matéria e forma a potência e ato, mas, para os efeitos que desejamos atingir, aqui não tocaremos nisso, uma vez que o termo potência é também aplicado em relação às formas<sup>19</sup>, mas falaremos da pura possibilidade enquanto ser. O que denominamos aqui possibilidade é aquilo que é descrito por Gabirol, como o ser próprio da matéria sozinha, se considerada enquanto privada da forma, que é o “ser que possuía na ciência do Eterno, Excelso e Magno, não composto com a forma<sup>20</sup>”.

Por esta afirmação, já é possível perceber que a matéria possui algum tipo de ser e, com certeza, é criada, e o é simultaneamente à forma. Mas, ao associarmos isso às questões anteriores, especialmente ao fato de que “todas as coisas, ainda que de certa maneira sejam matérias substratos de acordo com um aspecto, (...) são todas formas sustentadas na matéria primeira<sup>21</sup>”, chegamos ao ponto em que, se as formas corpóreas como a cor e a figura são o limite inferior da criação, necessariamente a matéria primeira é seu limite superior, a menos que algo exista acima dela para o qual ela desempenhe o papel de forma. Mas, embora junto à matéria primeira haja uma forma que é recebida por ela – a forma universal – não há propriamente algo que lhe seja superior, a não ser o Uno e Sua Vontade que não têm forma. Portanto, a partir dessa reflexão, podemos levantar algumas possibilidades: a) a matéria primeira seria ela mesma o limite de tudo e, portanto, o ponto mais alto e mais próximo do Uno, o que faria dela superior à forma em dignidade; b) a matéria seria ela mesma uma forma, o que, assim formulado, incorreria numa contradição lógica; c) deveria haver acima dela algo para o qual ela funcionaria como forma, e que, apesar de não ser uma forma propriamente dita, seria algo anterior

---

<sup>19</sup> “Como podemos notar na seguinte passagem do tratado terceiro que atesta que, apesar da forma atualizar a matéria, ela mesma pode não estar em ato, mas em potência: “Formae subsistentes in substantia quae sustinet praedicamenta sunt procedentes de potentia ad effectum”. (IBN GABIROL, *Fons Vitae*, III, 6, prova 35, p. 90).

<sup>20</sup> “quod habebat esse in scientia aeterni, excelsi et magni” (IBN GABIROL, *Fons Vitae*, V, 10, p. 274).

<sup>21</sup> “omnia subiecta et si sunt materiae subiectae secundum aliquid (...) omnes sunt formae sustentata in materia prima”. (IBN GABIROL, *Fons Vitae*, IV, 9, p. 231)

(no sentido ontológico) que fosse ele mesmo ou procedesse diretamente de uma “propriedade” ou “atributo” divino.

A segunda alternativa, tal como se apresenta formulada, deverá ser imediatamente descartada por sua impossibilidade lógica. Se a matéria fosse ela mesma uma forma, o criado não disporia de duas raízes, como afirma Gabirol, mas de apenas uma, apagando então a diferença entre Deus e criação. Sobram-nos a primeira e a terceira. A primeira implicaria em que a matéria fosse superior à forma em dignidade, o que entraria em contradição com as próprias palavras do autor que, em diversas passagens do *Fons Vitae* colocam a forma como superior à matéria. Somos então obrigados a escolher a terceira.

Retornando à questão da forma como princípio de unidade, vimos que ela é chamada de *unidade que segue*, posto que ela só é princípio de unidade no sentido de que desempenha o papel de agente de unidade conferido a ela pela Vontade. Gabirol vai além, dizendo que a matéria primeira não recebe exatamente da forma, mas da Vontade:

Ainda que digamos que a forma retém a matéria, dizemos de maneira imprópria, porque a forma recebe da Vontade a faculdade pela qual retém a matéria. Esta é a manifestação disso, porque a impressão da forma é unidade e a virtude de retenção é da vontade. Mas a vontade retém a matéria através da forma. E por isso é dito que a forma retém a matéria, porque a forma é intermediária entre a matéria e a vontade. Logo, ela adquire da Vontade e atribui à matéria. E, posto que a vontade procede da origem primeira, se infunde com ela na matéria e na forma e aquela e estas existem em tudo e nada há sem elas<sup>22</sup>.

Podemos observar por essa passagem que ao mesmo tempo em que ele garante a maior dignidade da forma, posicionando-a mais uma vez sobre a matéria, a forma, em si mesma, é tão indigna quanto nobre. E é tão nobre e indigna quanto a matéria, porque nenhuma das duas em separado é capaz de agir por si. Podemos afirmar inclusive que nenhuma das duas é capaz de existir por si enquanto tais. Toda ação, movimento e mesmo divisão

---

<sup>22</sup> “Unde etsi nos dicimus quod forma retinet materiam, improprie dicimus, quia forma suscepit a voluntate virtutem qua retinet materiam. Manifestatio huius autem haec est, quia forma impressio est unitatis et virtus retinendi voluntatis est. sed voluntas retinet materiam mediante forma; et propter hoc dicitur quod forma retinet materiam, quia forma est media inter materiam et voluntatem; ergo ipsa acquirit a voluntate, et attribuit materiae. Et quia voluntas procedit a prima origine, infusa est cum ea materiae et formae, et illa et ipsae fuerunt existentes in omni, et nihil est sine eis”. (IBN GABIROL, *Fons Vitae*, V, 39, p. 328).

acontece pela Vontade: “E a prova de que a Vontade é uma coisa distinta da forma é a necessidade da forma de algo que a mova, que a meça, que a divida e outras coisas mais pelas quais se designa a Vontade, conforme antes já indicamos<sup>23</sup>”.

Mas, por outro lado, se a matéria primeira é o limite superior, isso só pode significar que o início da criação não ocorre propriamente com a forma em si atingindo a matéria, mas esta recebe a forma primeira diretamente da Vontade. A explicação disso pode ser encontrada na própria origem da matéria. Gabirol, nas palavras do mestre, explica que a matéria procede diretamente da própria essência enquanto a forma procede da Vontade, ou seja, de Sua propriedade, concebida por ele enquanto sabedoria e unidade.

Da matéria dizemos o mesmo que da forma, isso é, que a matéria é criada pela essência e a forma pela propriedade da essência, isto é, pela sabedoria e pela unidade, ainda que a essência não seja determinada por propriedade extrínseca a ela. Esta é a diferença entre o criador e o criado, porque o Autor é a essência essencial e o que é criado se compõe de duas essências, que são a matéria e a forma<sup>24</sup>.

Assim, a unidade que a forma confere aos seres é propriedade sua somente porque é conferida pela verdadeira unidade agente, a Vontade, ou, a partir da propriedade da Essência que é Una em si mesma, tal como explicamos anteriormente; as formas existentes em todas as coisas procedem do que já havia prefigurado em Sua Sabedoria. Contudo, a matéria não procede da Vontade, mas da Essência mesma. Considerando que a Vontade passa à forma suas propriedades intrínsecas, como a unidade e a capacidade de delimitação, e que a matéria não possui a unidade em si mesma com este sentido específico, mas tão somente no sentido da continuidade, ou muito menos a propriedade de delimitar, não

---

<sup>23</sup> “Et probatio quod voluntas est aluid a forma, haec est, scilicet necessitas formae qua eget motore et mensuratore et divisore et ceteris, per quae voluntas intelligitur, de quibus iam aliquid praediximus”. (IBN GABIROL, *Fons Vitae*, V, 42, p. 335)

<sup>24</sup> “De materia hoc idem dicitur quod de forma, scilicet quod materia est creata ab essentia, et forma est a proprietate essentiae, id est sapientia et unitate, etsi essentia non sit propria proprietate ab ea extrinseca. Et haec est differentia inter factorem et factum, quia factor est essentia designata essentialiter, et factum est duae essentiae, quae sunt materia et forma”. (IBN GABIROL, *Fons Vitae*, V, 42, p. 333)

pode ser da Vontade que ela recebe suas características. Assim, o que a matéria traz consigo de intrínseco, além dessa continuidade, é o caráter de indeterminação no seu sentido mais próprio, ou seja, a ausência de limite – e estas características somente podem advir de algo que o possua, portanto, do próprio Deus/Uno/Essência Primeira. A matéria, enquanto contínua e indiferenciada em si mesma, possui características que, acima dela, somente o próprio Deus possui e, desse modo, deve proceder diretamente da Essência. Nesse sentido, a matéria de Ibn Gabirol, como substrato universal, deve ser entendida como *apeiron* enquanto princípio, podendo esta ser entendida, por sua vez, como equivalente ao estado antes da criação (*tohu va bohu*), referido em Gênesis 1:2.

### **Conclusão:**

Conforme a doutrina de Ibn Gabirol, podemos observar que: a) A matéria não pode ser privação absoluta, posto que a privação absoluta é o não ser; ela é ser possível, assim como tudo que não é o Uno (Ver *Fons Vitae*, V, 24; V, 42). b) A matéria é criada, e, mais do que isso, procede diretamente da essência de Deus. c) a matéria em si não é causa da diversidade e da multiplicação; d) não há diferença essencial entre matéria inteligível e matéria sensível; e) a matéria é una e contínua por toda a criação; f) a indigência da matéria se tomada sem a forma é qualitativamente análoga à indigência da forma se tomada sem a matéria; g) nada há que exista sem um substrato, portanto, a matéria, a partir do momento que é criada torna-se necessária, não podendo haver o ser sem a concorrência dela.

Assim sendo, ainda que Ibn Gabirol mantenha as qualidades que, por outros filósofos, foram entendidas como sendo o caráter volúvel dessa mulher – ou seja, o fato de que ela está sempre apta a receber muitas formas – nada há que desabone sua conduta. Nem poderia haver, uma vez que a matéria é meramente passiva e é a forma quem a assedia constantemente. A virtude dessa senhora é totalmente preservada na doutrina de Ibn Gabirol e a proposição da indigência da forma por si associada à inversão que ele realiza caracterizando a forma como princípio de diversidade e de multiplicidade só aumenta a dignidade dessa dama, posto que faz dela um elemento indispensável, necessário e cobiçado pela forma, enquanto ontologicamente considerada, na sua pureza inicial de

matéria primeira, o mais próximo possível da essência de Deus. Longe de ser uma bastarda adúltera, cujo comportamento é considerado pecaminoso, a matéria é una em si mesma, contínua e a mesma por toda a criação; com isso, Gabirol garante a manutenção de sua virtude e, além disso, estabelece sua origem na realeza.

## Referências

ARISTÓTELES, *Metafísica*. Trad. Marcelo Perine da versão italiana de Giovanni Reale. São Paulo, Loyola, 2001.

AVENCEBROLIS (Ibn Gabirol) *Fons Vitae*, ex Arabico in Latinum translatum ab Iohanne Hispano et Dominico Gundissalino; ex codicis Parisinis, Amploniano, Columbino primum edidit Clemens Baeumker, Münster: Aschendorff, 1895.

FACKENHEIM, Emil L. (transl.). “A Treatise on Love by Ibn Sina”. *Mediaeval Studies* 7 (1) p. 208-228 (1945).

MAIMONIDES, *Guide for the Perplexed*, Translated from the original Arabic text by M. Friedlander. 2nd. Edition. New York: Dover Publications, 1956.

PINES, Shlomo. "Fragments of the Arabic Original of Fons Vitae in Moses Ibn Ezra's Work 'Arugat Habbosem" (Hebrew). *Tarbiz*, 27 (1957/58), p. 218-33.

## Endereço postal:

Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Unifesp

Rua Sena Madureira, 1500 - Vila Clementino - São Paulo - SP - Brasil

Data de recebimento: 11/01/2018

Data de aceite: 10/03/2018